

## **MACHADO DE ASSIS PARA JOVENS LEITORES**

LUCICLÉIA SOUSA SILVA PASSOS (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ-UESC; BOLSISTA DE MESTRADO DA FAPESB).

### **Resumo**

Os textos machadianos são considerados complexos e de difícil entendimento por muitos educadores e que, por este motivo, adiam (retardam) o contato dos alunos com a escrita machadiana. Esse contato costuma se dar apenas nas séries finais do Ensino Fundamental, momento em que os adolescentes lêem adaptações e contos e, no Ensino Médio, quando lêem os romances. Contrariando esta perspectiva e no intuito de fomentar condições (situações) para que os adolescentes “transvejam o mundo”, um grupo de professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro lançou, para este público, a coletânea de textos machadianos– literários e críticos– intitulada “Machado de Assis para jovens leitores”. Esta pesquisa, de natureza bibliográfica, se propõe a investigar como esse suporte busca se acercar do jovem leitor contemporâneo, levando-o a aproximar-se dos textos oitocentistas machadianos. Pretende-se também compreender as noções de leitor e literatura infanto–juvenil construídas pela publicação em estudo e de que modo elas favorecem a percepção da leitura enquanto fruição. Para tanto, o arcabouço teórico que fundamentará essa investigação será Wolfgang Iser, Lúcia Santaella, Teresa Colomer, entre outros. Espera-se contribuir para a desconstrução do mito da inacessibilidade dos textos de Machado de Assis e irromper com o distanciamento do leitor adolescente dos textos machadianos.

### **Palavras-chave:**

Literatura infanto–juvenil, Leitura literária, Machado de Assis.

No mundo da educação escolar, a leitura, muitas vezes, permanece[i] sendo uma prática marcada pelo excesso de regras, em que os limites entre o que é literatura e o que não poder ser considerado como tal estão perfeitamente delimitados. Sendo assim, nem todas as obras merecem a classificação como literatura, o termo designa somente obras que a crítica especializada rotulou como “clássicos” (MAFRA, 2003, p.18). A literatura, a partir dessa visão de cânone, de algo sagrado, deve então ser cultuada por professores e alunos, sendo que o professor é a pessoa iluminada que deve iniciar o aluno nesse ritual. E o aluno, como aprendiz, deve apenas imitar os passos do mestre. É como se a literatura não fosse algo vivo, mas “um fóssil limpo” passível de ser dissecado apenas por críticos especializados, os quais determinam como uma obra pode ou deve ser lida (MAFRA, 2003, p. 09). Por isso, exclui-se do processo de leitura o olhar do aluno, desconsidera-se uma característica que segundo Bakhtin todo texto pressupõe: a dialogicidade (BRAIT, 1997). Ou seja, apenas a voz do autor não diz nada, mas pelo menos duas vozes (voz do autor e do leitor), é a condição para que o texto tenha sentido. Desconsiderar o olhar do aluno é fazer com que o texto literário perca a vida, pois a literatura se torna viva no ato da leitura quando ocorre o diálogo entre o leitor, o texto e o autor (LEAHY, 1999). Vale lembrar que a literatura é uma manifestação artística, e a arte redimensiona o real, atribuindo-lhe novos valores, questionando-lhe paradigmas, rompendo com o estabelecido. Não permitir que o aluno confronte, questione e redimensione o que lê, é ir de encontro à própria literatura e à própria leitura, pois como bem aponta Rodrigues (2006), ao discutir esse assunto: “A leitura é uma experiência profundamente pessoal. Resulta da permanente confrontação entre a obra do autor e as histórias da vivência do leitor. Com esse entendimento, pode-se deduzir que o leitor é uma espécie de co-autor de toda obra artística” (RODRIGUES, 2006, p.71).

Assim sendo, cada leitor atribui um sentido ao que lê, conforme interpreta, seleciona e/ou interage com as pistas textuais. Contudo, como o texto não existe fora do suporte que torna possível sua leitura e como as formas produzem sentido um texto "se reveste de uma significação e de um estatuto inéditos quando mudam os suportes que o propõem à leitura" (CAVALLO e CHARTIER, 1998, p. 06). Lyons (1999) também compartilha a mesma opinião quando afirma que "a forma física do texto, na tela ou no papel, seu formato, a disposição do espaço tipográfico na página determinam a relação histórica entre o leitor e o texto" (op.cit, p.12). Diante dessas considerações, pode-se afirmar que o suporte também influencia na recepção do texto pelo leitor. Isso é o que ocorre, por exemplo, com os textos que integram o livro "*Machado de Assis para jovens leitores*" publicado pela EdUERJ. Esta obra apresenta vários textos escritos por Machado de Assis, poemas, contos, trechos de romances, textos de natureza crítica, discursos proferidos na Academia Brasileira de Letras, mas atualizados de forma que o leitor contemporâneo possa compreender textos escritos no oitocentos brasileiro. A seleção dos textos que integram a obra em análise foi feita pelos professores Ana Cristina Chiara, Antônio Carlos Secchin, Denise Brasil e Ivo Barbieri, os quais estabeleceram o repertório final do livro após leitura realizada com estudantes de nível médio do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) e do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow (CEFET-RJ), no Rio de Janeiro.

Para Lyons (1999), as diferentes versões em que um texto pode ser encontrado podem ser chamadas de reencarnações, de modo que cada reencarnação de um texto é realizada pensando-se num público novo, "cuja participação e expectativas são dirigidas não apenas pelos autores, mas por estratégias de publicação, ilustrações e tantos outros aspectos físicos do livro" (op.cit, p. 10). Assim sendo, a forma como o texto se materializa ante o leitor pode determinar o pacto que esse leitor fará com o texto, a forma como ele se posicionará ante o texto.

Em se tratando da obra "*Machado de Assis para jovens leitores*", os textos de Machado se "reencarnam" num suporte com uma capa que chama atenção pelo tom vermelho do fundo e pela imagem de Machado de Assis estampada em pequenos quadrados e diversas cores. O título também é bastante sugestivo, ou seja, percebe-se, de imediato, que é destinado a leitores que conhecem pouco ou nada da escrita machadiana, ou seja, adolescentes, jovens. Por conta desse público-alvo, antes das seções textuais, há uma nota editorial onde se explica ao leitor os gêneros textuais que ele encontrará nesse suporte. Em seguida, tem-se a seção "Caro leitor", em que trechos das muitas publicações de Machado são reunidos de forma coesa, como se o próprio Machado dialogasse com os possíveis leitores desse projeto. Posteriormente, organizados, em dez seções (Amor e desamor; Gosto da liberdade; Artes e artistas; Loucos; Tipos inesquecíveis; Na arca de Noé; Contradições humanas; Volúpia do dinheiro; Sátira política; Arquivo), estão poemas, contos, crônicas, discursos e até textos críticos de autoria machadiana.

Cada seção do livro é aberta com uma página colorida, com pequenas frases escritas por Machado, que explicitam o teor dos textos que ali serão encontrados e são encerradas com frases de alunos das instituições de ensino que leram esses textos. O pensamento de outros jovens leitores serve como estratégia de sedução de leitores, haja vista que os mesmos falam da atualidade dos temas tratados por Machado, da sensação que tiveram ao ler, pois pensavam que a linguagem desse autor era inacessível e como se surpreenderam ao perceber que conseguiam atribuir sentido ao que liam, apesar da engenhosidade com que Machado articulava suas idéias, conforme se percebe no trecho a seguir:

Se pensarmos que os escritos de Machado foram feitos em um momento decisivo da construção da identidade social brasileira- que já caminhava pelas trilhas da hipocrisia-, veremos que aqueles valores se mantiveram até hoje e, de certa forma, até se intensificaram, o que faz da leitura de seus textos algo muito atual (CHIARA et al, 2008, p. 32).

O prazer que os leitores das duas instituições de ensino que leram os textos machadianos e ajudaram os organizadores a selecionarem o repertório da obra pode ser percebida na opinião expressada ao fim da seção "Artes e artistas" como pode se observar a seguir:

A linguagem [...] é parte formadora do universo e vai, aos poucos, revelando o contexto. Deu vontade de saber como continuam as histórias [...]. Não é difícil entender a mensagem dos textos. Eles mostram faces humanas constantes e péripetuas, atemporais [...].O texto tem um final reflexivo. Triste, melancólico e duvidoso; no entanto, não termina e dá vontade de querer ler mais [...] apresenta dualidade de escolha e a validade da justiça, típico dos textos de Machado de Assis (CHIARA et al, 2008, p. 68).

A opinião deste aluno convida os leitores a prosseguirem lendo, pois deixa transparecer a idéia de que os textos de Machado são extremamente sedutores, atraentes e que deixam os leitores ávidos por saberem o fim de cada trama. Não são textos difíceis de se compreenderem, nem ultrapassados, mas são textos que exigem a participação ativa do leitor como co-autor em virtude dos trechos duvidosos. O aluno diz ainda que as personagens machadianas ultrapassam qualquer limitação temporal, ou seja, os tipos machadianos podem ser encontrados em qualquer período da história. Diante desse elogio tecido à Machado e a seus escritos, como um adolescente pode resistir à leitura?

Vale ressaltar, também, que os textos apesar das letras pequenas, ocupam pouco espaço na página, dando a impressão de que são curtos, o que evita o distanciamento típico dos jovens leitores, que em tempos pós-modernos, não são muito afeiçoados a leituras longas. Nota-se, também, a presença de ilustrações em preto e branco, que se assemelham a caricaturas, conferido um aspecto lúdico ao texto a ser lido. Ou seja, o leitor é convidado a ler por prazer, aspecto acentuado pela ausência das famosas fichas de leitura que acompanham muitas das publicações literárias destinadas ao segmento adolescente - os chamados paradidáticos- ou pela ausência das questões típicas dos livros didáticos.

Diante disso, pode-se afirmar que a obra em análise seduz o leitor não apenas por meio do texto em si, mas como explica Chartier (1996), por meio dos dispositivos tipográficos, os quais são tão importantes para atrair o leitor quanto os mecanismos textuais adotados pelo autor. Aqueles dispositivos ou estratégias editoriais, que mediam a relação entre um texto e um leitor, atualizam, traduzem o texto para o horizonte de expectativa dos leitores, permitindo que estes atribuam novos sentidos ao texto, propondo significações outras, talvez sequer pensadas pelo autor, ou visando um público que o autor sequer tenha imaginado.

Assim sendo, "*Machado de Assis para jovens leitores*", atualiza os textos machadianos sem alterar a linguagem textual, ou seja, a atualização se dá por meio da disposição do texto na página, pelo uso de ilustrações e pela opinião dos jovens leitores expressas no fim de cada parte do livro. É assim que os leitores do

século XXI lêem os textos do dezenove e fazem a relação entre a sociedade machadiana e a contemporânea. É assim que os jovens leitores da era da comunicação instantânea tem a oportunidade de conhecer ou transver Machado de Assis, isto é, não mais como um autor de uma linguagem hermética, mas cujos textos são compreensíveis e parecem ter sido escritos hoje. Um autor com várias faces, um autor que escreve textos dotados de um lirismo singular, mas que é igualmente capaz de adentrar na psique humana e desvendar as mazelas do homem, que é capaz de proferir discursos, de criticar a produção literária de sua época e cujo humor e ironia refinadas tornam seus escritos atraentes.

Em resumo, pode-se dizer que a seleção dos textos, o projeto editorial do livro em análise confirmam o que dizem Cavallo e Chartier (1998), a saber, que o texto não existe fora do suporte que torna acessível a leitura deste, pois "as formas produzem sentido e que um texto se reveste de uma significação e de um estatuto inéditos quando mudam os suportes que o propõem à leitura" (op.cit, p.06). Assim sendo, pode-se afirmar que no processo de formação de leitores, a sedução destes dependerá não só da metodologia adotada pelo professor, mas também do suporte que materializa os textos a serem lidos.

## Referências

BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1997.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. vol 1. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger (org). **Práticas de leitura**. Trad.: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996

CHIARA, Ana Cristina; SECCHIN, Antônio Carlos; BRASIL, Denise; BARBIERI, Ivo (orgs.) **Machado de Assis para jovens leitores**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LEAHY, Cyana. Leitura no final do século XIX. In: LYONS, Martyn. **A palavra impressa: histórias da leitura no século XIX**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999. p.89-112.

MAFRA, Núbio Dellanne Ferraz. **Leituras à revelia da escola**. Londrina: Eduel, 2003.

RODRIGUES, Maria Antonieta Sampaio. Leitura da arte e sua função para o homem. In: SOUZA, Santinho Ferreira de (org). **Percursos com a leitura** (coleção olhares e perguntas sobre ler e escrever vol.1), p. 71-78.

---

[i] Bolsista de Mestrado da FAPESB.